

#cm
2
FIM DE SEMANA

Ed Motta leva seu requinte musical ao Municipal



PÁGINA 3

Confira o melhor da Mostra de SP neste finde



PÁGINAS 10 A 13

A batata frita reina absoluta como petisco carioca



PÁGINA 16



Diego Padilha/Divulgação

Clássicos do Brasil em ritmo de rock e reggae

Evento reúne Capital Inicial, Ira!, Humberto Gessinger, Plebe Rude e grandes nomes do reggae nacional na Marina da Glória

Por **AFFONSO NUNES**

O Festival Clássicos do Brasil chega ao seu segundo e último final de semana, neste sábado e domingo (18 e 19), na Marina da Glória, após estreia com casa lotada no último fim de semana (11 e 12). A reta final coincide com o Dia da Música Popular Brasileira, celebrado em 17 de outubro, reforçando o propósito do evento de valorizar a identidade brasileira através da música. O rock e o reggae brasileiros marcam presença nas duas noites com shows de Capital Inicial, Ira!, Humberto Gessinger, Plebe Rude, Armandinho, Maneva, Edson Gomes e Ponto de Equilíbrio. **Continua na página seguinte**

O Festival Clássicos do Brasil fecha programação de sua edição 2025 neste fim de semana

Divulgação



CAPITAL INICIAL

Capital abre os trabalhos com álbum histórico

A noite de sábado (18) no Clássicos do Brasil será marcado por uma sequência de apresentações emblemáticas do rock nacional. Capital Inicial abre a noite com o repertório do “Acústico MTV”, um dos maiores sucessos da era dos acústicos no Brasil, trazendo hits como “Primeiros Erros”, “Tudo Que Vai” e “Natasha” em versões que marcaram uma geração. Em seguida, o Ira! celebra duas décadas do projeto acústico com show baseado no álbum que revelou novos arranjos para clássicos do grupo, incluindo “Dias de Luta”, “Flores em Você” e “Envelheço na Cidade”, com nova roupagem mas mesma intensidade.

Humberto Gessinger revive a fase acústica dos Engenheiros do Hawaii em apresentação baseada no disco que marcou os anos 2000, com canções como “Infinita Highway”, “O Papa é Pop” e “Refrão de Bolero” em arranjos que unem poesia urbana e sonoridade refinada. Fechando o sábado, a Plebe Rude apresenta

na íntegra o disco “O Concreto Já Rachou”, referência do rock de protesto da década de 1980, com faixas como “Até Quando Esperar” e “Proteção”, reafirmando a força das letras contestadoras e o espírito punk da banda.

“O festival nasceu da admiração por discos completos, obras com narrativa própria nas quais cada faixa desempenha papel específico na história criada pelo artista”, justifica Peck Mecenas, idealizador do projeto. “É celebração da música brasileira em sua forma mais autêntica, resgatando a experiência de ouvir álbuns integrais em vez de faixas isoladas”, completa.

O domingo (19) fecha a tampa do festival em clima de boas vibrações. É o dia do Reggae, reunindo Armandinho, Maneva, Edson Gomes e Ponto de Equilíbrio. Armandinho, um dos nomes mais populares do reggae e pop brasileiro, chega com novidades: acaba de lançar a coletânea “Se o Tempo Passa”, reunindo 15 faixas lançadas desde 2015 e três músicas inéditas, que serão apresentadas ao lado dos grandes



EDSON GOMES



HUMBERTO GESSINGER



ARMANDINHO

Divulgação



MANEVA



IRA!



PONTO DE EQUILÍBRIO

Divulgação



PLEBE RUDE

sucessos da carreira.

O Maneva, com 20 anos de estrada, retorna ao Rio celebrando diferentes fases da trajetória, com repertório que inclui sucessos como “Saudades do Tempo” e “Vestido de Seda”, do mais recente álbum Origem, além de surpresas preparadas especialmente para o público carioca. Edson Gomes, considerado Rei do Reggae brasileiro e que acaba de completar 70 anos, é uma das vozes mais importantes do gênero no país. O baiano sem-

pre usou sua música para retratar os anseios do povo brasileiro, denunciando injustiças sociais, racismo e desigualdade em hinos atemporais como “Malandrinha”, “Árvore” e “Samarina”. Sua presença promete um show carregado de história, consciência e a mais pura essência do reggae nacional.

Celebrando 25 anos de trajetória, o Ponto de Equilíbrio prepara apresentação especial marcada por seleção de grandes clássicos da banda, com versões originais e novas releituras de músicas como “Árvore do reggae”, “Aonde vai chegar (coisa feia)” e “Santa Kaya”, em arranjos que ampliam a atmosfera dançante e envolvente.

SERVIÇO

FESTIVAL CLÁSSICOS DO BRASIL

Marina da Glória
18 e 19 de outubro
Ingressos a partir de R\$ 120
Informações e vendas:
classicosdobrasilfestival.com.br

Daniel Ebendiger/Divulgação

Ed Motta sinfônico

Acompanhado por orquestra, cantor e compositor se apresenta pela primeira vez no Theatro Municipal

Por Affonso Nunes

O encontro entre a sofisticação do soul e do jazz com a grandiosidade de uma orquestra sinfônica marca a estreia de Ed Motta no Theatro Municipal. Neste domingo (19), o cantor e compositor sobe ao palco do mais prestigiado teatro da cidade acompanhado pela Orquestra MPB Jazz, sob a regência de Renato Coelho, para apresentar seu repertório consagrado em arranjos orquestrais.

Ed Motta construiu ao longo de sua trajetória uma linguagem musical notável, que transita com naturalidade entre o soul clássico, o jazz fusion, o R&B e a MPB, sempre com refinamento harmônico que o distingue na cena musical brasileira. Desde os tempos da Conexão Japeri, nos anos 1980, até sua consolidação como solista, desenvolveu um vocabulário musical que bebe em fontes como Stevie Wonder, Earth Wind & Fire, Prefab Sprout e os mestres do jazz, filtrado por uma sensibilidade única. Essa busca constante pela excelência musical e pela inovação dentro da tradição encontra no formato orquestral um terreno fértil para revelar novas dimensões de suas composições.

O repertório do concerto reúne canções

que marcaram diferentes fases da obra do artista e parcerias que se tornaram referência na música brasileira. Entre os destaques estão “Colombina” e “Fora da Lei”, ambas em parceria com Rita Lee, “Sos Amor”, “Outono no Rio” (com Ronaldo Bastos) e “Daqui pro Méier” (com Chico Amaral). A presença de “Colombina” no programa tem significado especial para Ed Motta, que sempre reverencia a parceira falecida em maio de 2023. “Tive a honra e a benção de ser parceiro de Rita Lee em muitas músicas. Ela compôs a letra da minha música que mais toca”, comentou o cantor em entrevista à CNN Brasil. “Nós tínhamos personalidades parecidas, como gostar de ficar em casa e não gostar de frequentar a casa um do outro. Todas essas músicas que fizemos, a gente nunca se encontrou para fazer”, comparou.

Apesar do sucesso estrondoso de “Colombina” e outras faixas de seu aclamado “Manual Prático para Festas, Bailes e Afins” (1997), o artista não se guia pela busca de popularidade e passou a evitar o pop, fazendo apostas musicais mais ousadas a partir de harmonias sofisticadas. Essa fase mais arrojada de sua carreira também estará representada no show, com faixas que revelam a capacidade do músico de revisitar gêneros clássicos e

vesti-los com roupagens contemporâneas. Essas canções, que originalmente carregam a assinatura do diálogo entre soul, jazz e funk característico do artista, ganham nova dimensão com a massa sonora da orquestra, que explora toda a riqueza dos sopros e cordas para expandir cada composição.

Ed confessa estar adorando a experiência de cantar acompanhado por uma orquestra. “É como viver dentro de um filme em tempo real, onde cada acorde tem cor e textura, com uma massa sonora sofisticada. É uma satisfação imensa poder apresentar minhas músicas e ver a recepção positiva do público”, destaca. Com sua voz inconfundível e presença magnética, ele conduz a plateia por diferentes fases de sua obra, enquanto os músicos da Orquestra MPB Jazz criam uma experiência que aproxima groove, sofisticação e a energia única das apresentações ao vivo.

A Orquestra MPB Jazz vem se destacando por sua capacidade de unir a linguagem da música popular brasileira à sonoridade orquestral. O grupo, regido pelo maestro Renato Coelho, é conhecido por aproximar a música popular brasileira das linguagens do jazz e da música instrumental, tendo já apresentado seu trabalho para cerca de 20 mil pessoas em oito shows no Rio de Janeiro,

dividindo o palco com nomes consagrados como Ivan Lins, João Bosco, Elba Ramalho, Jorge Vercilo e Diogo Nogueira.

O maestro Renato Coelho, idealizador e regente da Orquestra MPB Jazz, ressalta a importância desses encontros musicais. “A cada encontro, a Orquestra MPB Jazz transforma o palco em um espaço de celebração e descoberta. Ao lado de grandes nomes da nossa música, surgem momentos únicos, onde a emoção da MPB se entrelaça com a liberdade criativa do jazz. É como se clássicos ganhassem novas cores, novos ares, tocando fundo no coração de quem escuta. O sucesso dessa série não está apenas nas plateias cheias, mas na energia compartilhada, nos sorrisos, nos aplausos de pé e na certeza de que a música tem o poder de unir gerações, renovar memórias e criar experiências inesquecíveis”, afirma o maestro.

SERVIÇO

ED MOTTA E ORQUESTRA MPB JAZZ
Theatro Municipal (Praça Floriano, s/nº - Cinelândia) | 19/10, às 18h
Ingressos: Frisa ou Camarote – R\$ 320 (individual) | Plateia – R\$ 320 | Balcão Nobre – R\$ 300 | Balcão Superior – R\$ 250 | Balcão Superior Lateral – R\$ 220 | Galeria – R\$ 200 | Galeria Lateral – R\$ 180

Unidos por Caetano

Moreno Veloso, Paula e Jaques Morelenbaum celebram obra do baiano



Divulgação



Divulgação

Paula e Jaques Morelenbaum se unem a Moreno Veloso em homenagem a Caetano

A obra singular de Caetano Veloso se faz presente nesta sexta-feira (17) no Blue Note Rio, com sessões às 20h e 22h30, do show “Só Caetano”, que reúne Moreno Veloso e Paula e Jaques Morelen-

baum interpretando um precioso repertório que privilegia o período tropicalista, incorpora canções de diferentes fases da trajetória do compositor baiano.

Entre as músicas que compõem o show estão clássicos como “Coração Vagabundo”

e “Lindonéia”, ambas gravadas no icônico disco “Tropicália ou Panis et Circenciis”, de 1968, marco do movimento que revolucionou a música brasileira. Paula e Jaques Morelenbaum trabalharam com Caetano durante turnês e gravações e Moreno, é claro, cresceu

cercado por essas melodias.

O filho mais velho de Caetano construiu carreira própria desde meados dos anos 1990, quando integrou o coletivo +2. No show, interpreta as composições do pai ora em performances solo, ora em duetos com Paula Morelenbaum, dona de uma das vozes mais respeitadas da MPB e que integrou a banda de Tom Jobim por uma década. Violoncelista requisitado, Jaques acumula participações em cerca de 900 discos. Foi integrante da Nova Banda de Tom Jobim entre 1985 e 1994 e estabeleceu parceria duradoura com Caetano Veloso, participando de shows e álbuns como o aclamado “Circuladô” (1991).

A formação é completada por Marcelo Costa na bateria e Lula Galvão no violão, músicos que integraram a banda de Caetano em diferentes momentos. O espetáculo já passou pelo Blue Note São Paulo em setembro, quando recebeu a presença do próprio Caetano na plateia.

SERVIÇO

SÓ CAETANO

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 – Copacabana)

17/10, às 20h e 22h

Ingressos a partir de R\$ 70

ROTEIRO MUSICAL

P O R A F F O N S O N U N E S

Ariel Cavotti/Divulgação



Macumba techno

Rita Benneditto leva ao Teatro Rival Petrobras nesta sexta (17), às 19h30, mais uma apresentação de “Tecnoma-cumba”, projeto que desde 2003 redefiniu os limites entre MPB, religiosidade afro-brasileira e sonoridades contemporâneas. O espetáculo consolidou-se como um dos trabalhos mais singulares da música brasileira ao propor um diálogo musical entre pontos de terreiro, clássicos da MPB e beats.

Priscila Prade/Divulgação



Elas por Vanessa

Vanessa da Mata apresenta a turnê “Todas Elas” no Vivo Rio, neste sábado (18), às 21h. O show, com direção de Jorge Farjalla, reúne músicas inéditas e clássicos dos 20 anos de carreira da cantora mato-grossense. Indicada ao Grammy Latino com o álbum “Vem Doce” (2023), a cantora e compositora ergueu uma obra musical alicerçada em temas como feminismo, maternidade, negritude e desigualdade social.

Divulgação



Novo combo

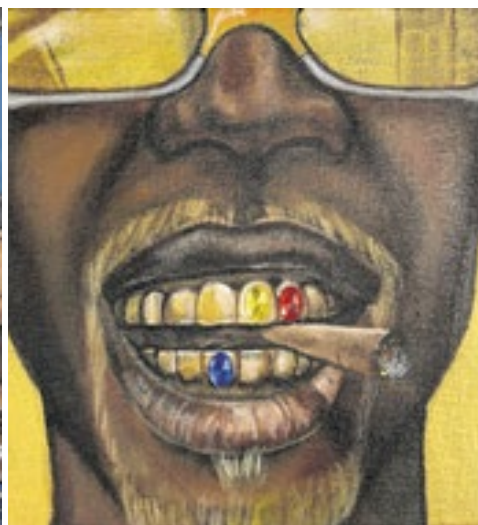
De volta aos palcos cariocas, a Supercombo apresenta seu novo álbum no Circo Voador neste sábado (18), às 22h. O show marca o lançamento inédito do disco, que traz abordagem conceitual e sonora diferenciada. A apresentação mescla faixas do trabalho recente com sucessos da trajetória do grupo capixaba. O evento acontece após a turnê que revisitou os elegiados álbuns “Rogério” (2016) e “Amianto” (2014).

Divulgação



Ploc 360°

A Festa Ploc estreia novo formato neste sábado (18) na Fundação Progresso. Após 20 anos, o evento retrô apresenta palco 360°, aproximando público e artistas. A programação reúne Paquitas, Trem da Alegria com Patricia Marx (foto) e Luciano Nassyn, Banda Ploc, Zé Henrique (Yahoo), Silvinho Blau Blau, Dr. Silvana & Cia, Avellar Love, Abelhudos, Síndico Du Ben, Daniel Del Sarto e cover de Legião Urbana.



Tensões entre afeto e violência

Mostra “Amor Ódio” reúne obras inéditas de Jota, artista que dialoga com o panafricanismo e a realidade da periferia carioca

Por Affonso Nunes

O artista visual Jota apresenta sua produção mais recente na exposição “Amor Ódio” no MT Projetos de Arte, trazendo um olhar visceral sobre as contradições que habitam um mesmo território. Nascido e criado no Complexo do Chapadão, o jovem pintor de 25 anos constrói sua poética a partir da convivência entre afetos intensos e violências cotidianas, revelando como amor e ódio coexistem nas periferias urbanas brasileiras.

A mostra apresenta trabalhos inéditos em formatos variados, desde pequenas telas de 10x10 centímetros até grandes composições de 150x150 centímetros. Com curadoria do jornalista, escritor e roteirista Dodô Azevedo, a exposição propõe uma reflexão sobre como a alegria pulsante dos bailes funk e a brutalidade da violência policial e do tráfico atravessam os mesmos corpos e espaços.

Para Dodô Azevedo, o trabalho do artista se mantém alimentado pela atmosfera do Complexo do Chapadão, onde foi criado e ainda reside. Suas composições compreendem o amor e o ódio entremeados e manifestados no mesmo espaço, em diferentes cenas e momentos, envolvendo simultaneamente o existir e o sentir. “Jota mostra tanto o pôr do sol sobre os barracos quanto as paredes mar-



Em suas telas, Jota explora a vida e costumes do cotidiano das periferias sob a ótica do amor e da violência

cadadas por balas; tanto os namorados na laje quanto o olhar de quem atravessa a rua com medo de não voltar. Sua arte é como um díplico: de um lado, o afeto bruto; do outro, a raiva justa. Separar um do outro seria mutilar o sentido”, escreve o curador.

Em sua fase mais recente, Jota incorporou elementos visuais e simbólicos do panafricanismo, movimento político, filosófico e cultural que defende a união de todos os povos afrodescendentes. A presença constante das cores da bandeira panafricana criada em

1920 remete aos seus significados históricos: o vermelho do sangue derramado na luta pela liberdade, o preto como afirmação da pele negra e o verde da fertilidade da terra africana. Nessa referência, o artista estabelece uma ligação entre os povos quilombolas, as periferias urbanas e os movimentos globais de libertação.

O artista acaba de apresentar uma individual em Milão; está presente na exposição “Rio é Poesia”, da Secretaria de Cultura na ArtRio, com curadoria de Cesar Oiticica Filho; e na coletiva “Funk: Un cri de Liberté”, em Lille (França), como parte das comemorações do ano do Brasil naquele país.

Johny Alexandre Gomes iniciou sua trajetória retratando cenas do ambiente familiar e do cotidiano da favela, além da cultura funk. Com o tempo, passou a explorar temas mais abrangentes, incluindo pobreza, violência e racismo estrutural, tanto nas favelas quanto na Zona Sul carioca, território que começou a frequentar após o reconhecimento de seu trabalho.

SERVIÇO AMOR ÓDIO

MT Projetos de Arte (Travessa do Comércio, 22 - Arco dos Teles - Centro)
Até 18/10, sexta e sábado (11h às 18h)
Entrada franca

Reflexões psíquicas

Por **Cláudio Handrey**

Especial para o Correio da Manhã

O teatro brasileiro, nos anos 1960, alcançou uma efervescência dramática com Nelson Rodrigues, Plínio Marcos, Gianfrancesco Guarnieri, entre outros e de lá pra cá isso se arrefeceu. Um espetáculo, cujo o texto é brasileiro faz de “Limítrofe” um acerto, num país que pouco se interessa pela leitura, limitando a produção de novos autores. O texto de Oscar Calixto é bem engendrado, expondo casos de ansiedade e depressão, um mal do século, em que inúmeras pessoas se encontram adoecidas por patologias psíquicas, vítimas de um processo evolutivo da normalização de fatores, desencadeando sofrimento até o suicídio.

Apesar da austeridade do tema, o autor utiliza o “dramédia”, construindo um embate entre três personagens des-temperados, misturando drama e comédia, suavizando com sabedoria a tensão ao viver com “boderline”, que difere dos neuróticos, por exemplo. A narrativa se desenrola sobre um terraço, onde seres nebulosos discorrem mesclando suas idios-

CRÍTICA / TEATRO / LIMÍTROFE

José Areia/Divulgação



A montagem de ‘Limítrofe’ adota o formato de ‘dramédia’ para tratar de questões relacionadas à saúde mental

sincrasias, ao aludirem conteúdos novelescos e artistas populares. Calixto aborda ainda a questão delicada de um Brasil, onde qualquer um pode se acreditar como artista, mesmo que não tenha talento para isso.

Numa tarefa à quatro mãos, Daniel Dias da Silva e Anderson Cunha conduzem a cena com perspicácia, edificando um espetáculo com climas variados, determinan-

do suspensões, que valorizam a obra, em perfeita sintonia com a proposta reflexiva.

Os três atores se equalizam, corporificando a atmosfera imposta pela direção. Malu Falangola esbanja carisma, fluindo pelo palco, desenhando com aceleração sua bailarina, contrapondo à Raphael Najan, que modela seu ator/galã de tevê com mais tensão, amparado na sua boa emissão vocal. Oscar Calixto estrutura seu escritor com tintas mais exuberantes, carregando em afetações e descontroles. E por vezes, todos, buscam a comicidade pela comoção.

O cenário de Alexandre Porcel, muito adequado, revela detalhes do alto de um prédio, com porta de entrada para a cobertura, um letreiro de led ao fundo e uma mureta com sinalizadores. Figurinos acinzentados, de Luana de Sá, abriga as personagens, num prenúncio fatal. Tudo isso iluminado por Anderson Ratto, que evoca um ambiente sombrio e luzes ao chão, que clarificam os momentos em que Claudia e Paschoal tentam se matar, como se o inferno dentro deles estivesse banhado em profusão. Felipe Tauil instaura uma trilha instigante, com uma Gloria Groove, apropriadamente dialogando com a encenação.

“Limítrofe” aponta maldições, que atormentam nossa consciência e para que não nos tornemos algozes de nós mesmos, deveríamos cuidar o quanto antes.

SERVIÇO

LIMÍTROFE
Teatro Dulcina
(Rua Alcindo Guanabara, 17 - Cinelândia)
Até 26/10,
de quinta a
sábado (19h) e
domingos (18h)
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Sob pressão

“Zero Grau” segue em cartaz na Casa de Cultura Laura Alvim. A montagem acompanha Amanda, jovem de família abastada que enfrenta pressões para ser feliz e bem-sucedida, mas vive em crise existencial sobre sua identidade e propósito. Durante tratamento psicanalítico, ela se vê diante de escolhas decisivas sobre seu futuro. A peça utiliza metalinguagem ao estabelecer diálogo com “Hedda Gabler”, de Ibsen, criando paralelo entre a ficção vivida pela personagem no palco e os dilemas de sua própria existência. Até o dia 26.

Divulgação



Humor cotidiano

O Teatro Miguel Falabella recebe até o dia 26 “Agora É que São Elas!”, com Júlia Rabello, Maria Clara Gueiros e Priscila Castello Branco. A montagem reúne nove esquetes criadas por Fábio Porchat que exploram situações cotidianas com humor afiado. Entre os quadros, destaque para “Números”, sobre um casal confuso com senhas do dia a dia; “Superstição”, que retrata o encontro de amigas com visões opostas sobre credulidade; e “Selfie”, em que uma fã critica a atriz que diz admirar.

Divulgação



Finais e recomeços

“Ela, e Algumas Histórias”, com Francisca Queiroz e Claudio Gabriel, acompanha uma mulher que reconstrói a vida após o fim do casamento, equilibrando maternidade, carreira e novos relacionamentos. A narrativa transita entre memórias e presente, abordando com sensibilidade e humor os desafios enfrentados pela mulher moderna diante de transformações sociais e tecnológicas. O espetáculo propõe reflexão sobre recomeços e as múltiplas facetas da identidade feminina. Até 26/10 no Teatro das Artes.

Praia & serra & hotéis sesc RJ & você

Venha aproveitar tudo o que os nossos hotéis oferecem.

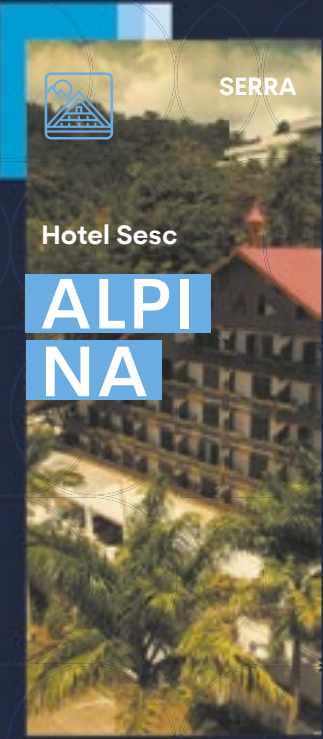
É só escolher praia ou serra. Você, sua família e amigos vão descansar e se divertir no melhor de cada lugar.

Agora, é só fazer a mala e partir para curtir tudo o que as completas infraestruturas hoteleiras do Sesc RJ oferecem. E o seu pet também é muito bem-vindo.

Quem é do comércio de bens e serviços tem descontos. É só fazer a credencial Sesc para ter à disposição a maior rede de teatros do estado, piscinas, ginásios poliesportivos, exposições, cursos, oficinas, passeios e excursões, e muitos outros benefícios.

Diárias a partir
de **R\$ 167,00***,
em até 10x
sem juros.

*Valor de R\$167,00 válido para hospedagens em meio de semana no Hotel Sesc Nova Friburgo.



LEIA O QR CODE E CONHEÇA
OS HOTÉIS DO SESC RJ E SUAS
TARIFAS ESPECIAIS.



Reservas: (21) 4020-2101



@sescrj



Pamela Miranda/Divulgação

SHOW

TETO

*O rapper lança o disco “Maior Que o Tempo”. Sex (17h), às 22h. Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa). A partir de R\$ 180 e R\$ 90 (meia)

ANALU

*Revelada pelo The Voice Kids, a jovem cantora baiana se dedica à boa música desde cedo, transitando entre Bossa Nova, MPB, samba e jazz. Sáb (18), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

RENATA SENA

*A cantora luso-brasileira apresenta seu show “Origens” numa viagem pela musicalidade da Península Ibérica, onde a artista nasceu e cresceu. Sex (17), às 20h. Dolores Club (Rua do Lavradio, 10). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

TEATRO

COMPLIANCE

*Juliano Cazarré se une ao diretor Fernando Ceylão nesta ácida crítica ao universo dos coaches e influenciadores digitais. Até 2/11, sex e sáb (20h) e domingos (19h). Teatro I Love Prio (Av. Bartolomeu Mitre, 1110B - Leblon). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

O MOTOCICLISTA NA GLOBO DA MORTE

*Em desempenho magistral, Du Moscovis mostra o tênue limite entre a civilidade e a barbárie. Até 14/12, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104, Botafogo). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

A PÉROLA NEGRA DO SAMBA

Musical revela a trajetória de Jovelina Pérola Negra, referência feminina do samba carioca. Até 9/11, qui e sex (19h), sáb e dom (17h). Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes, s/nº, Centro). *Sessões com intérprete de Libras e audiodescrição. A partir de R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

CHOQUE! PROCURANDO SINAIS DE VIDA INTELIGENTE

*O diretor Gerald Thomas adapta o clássico de Jane Wagner para os dilemas da era digital. Danielle Wintis assume vários papéis neste solo. Até 2/11, qui a sáb (20h) e dom (17h). Teatro Copacabana Palace (Av. Atlântica, 1702). A partir de R\$ 120 e R\$ 60 (meia)



Compliance

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Elenize Dezgeniski/Divulgação



Carlota - Focus Dança Piazzolla

A SABEDORIA DOS PAIS

*Natália do Vale e Herson Capri celebram 50 anos de carreira neste reencontro nos palcos em montagem de texto inédito de Miguel Falabella que expõe com sensibilidade o amor na maturidade. Até 14/12, qui a sáb (20h30) e dom (19h). Teatro Vannucci (Rua Marquês de São Vicente, 52 - Shopping da Gávea). R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

A PROCURA DE UMA DIGNIDADE

*Ana Beatriz Nogueira realiza neste solo uma busca em si mesma para investigar sobre qual dos livros de Clarice Lispector que lhe atirou no precipício existencialista. Até 26/10, sex e sáb (20h) e dom (19h). Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176 - Ipanema). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)



A Pérola Negra do Samba



Teto



CHOQUE!

Robert Schwenck/Divulgação

Divulgação

Robert Schwenck/Divulgação



Analú



Feira das Yabás

Robert Schwenck/Divulgação

Divulgação

ENTRE AIYÊ E O ORUN

✱Um mergulho profundo em obras que remetem aos mitos da criação segundo as mitologias das religiões de matriz africana na concepção de vários artistas. Até 26/10, ter a dom. Caixa Cultural (Av. Alm. Barroso, 25 - Centro). Grátis

DANÇA

CARLOTA - FOCUS DANÇA PIAZZOLLA

✱A multipremiada Cia Focus de Dança retoma a celebrada coreografia inspirada em temas do genial compositor argentino, o pai do tango moderno. Até 19/10, sexta (19h), sáb e dom (18h). Teatro Nelson Rodrigues - Caixa Cultural RJ (Av. República do Paraguai, 230). Grátis, com retirada de ingressos com 1h de antecedência na bilheteria

INFANTIL

ANTES DE QUALQUER COISA

✱Duas palhaças se encontram para se comunicar de diferentes formas. Entre sons, gestos, silêncios e canções, elas criam cenas poéticas e bem-humoradas sobre a diversidade da linguagem humana. Até 19/10. Sáb e dom (16h). Sesc Tijuca (R. Barão de Mesquita, 539). R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 10 (associado Sesc) e grátis (PCG)

CONSTRUIR COM COR E FORMAS

✱Atividade convida famílias a explorar formas geométricas através da construção de estruturas com peças acrílicas imantadas. Destinada a crianças de 3 a 7 anos. Até 31/10, sáb, dom e fer (13h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66)

EVENTO

FEIRA DAS YABÁS

✱O tradicional evento realizado mensalmente no subúrbio de Oswaldo Cruz retorna ao Centro do Rio com muita comida de raízes ancestrais, roda de conversa com o hiostoriador Thiago Gomide, moda e artesanato. Na parte musical, o cantor e compositor Marquinhos de Oswaldo Cruz recebe um time de convidados de peso: Áurea Martins, Pedro Paulo Malta, Hermínio Belo de Carvalho e Dudu Nobre. Sáb (18), das 13h às 20h. Praça da Pira, junto ao CCBB RJ (Rua Pimeiro de Março, 66). Grátis, com retirada de ingressos no site do CCBB: <https://ccbb.com.br/rio-de-janeiro/programacao/feira-das-yabas/>

EU SOU UM MONSTRO

✱Performance do multiartista Fause Hatén remonta a um episódio perturbador da biografia do pintor irlandês Francis Bacon (1909-1992) quando o artista plástico perde seu companheiro às vésperas de uma importante exposição e decide manter o episódio eem segredo. Até 26/10, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104 - Botafogo). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

JONATHAN

✱Neste monólogo o ator e dramaturgo Rafael Souza-Ribeiro propõe uma reflexão sobre tempo, memória e resistência a partir da história de uma tartaruga centenária. Até 22/10, ter e qua (20h). Teatro Poeira (Rua S. João Batista, 104, Botafogo). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

EXPOSIÇÃO

REFLEXOS, ENCLAVES, DESVIOS

✱O renomado artista plástico português José Pedro Croft reúne nesta individual cerca de 170 obras que estabelecem um diálogo único entre arte contemporânea e arquitetura histórica. Até 7/11, de qua a seg (9h às 20h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

ATRAVÉS DO VÉU VERDE

✱O fotógrafo e artistas visual argentino Edo Costantini reúne uma década de investigação de imagens de uma floresta próxima a Nova York. Até 23/11, terça a dom (10h às 18h). MAC Niterói (Mirante da Boa Viagem, s/nº). R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

Zoey Martinson/Divulgação

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Prestes a chegar a cinco décadas de excelência, a Mostra de São Paulo assegurou ao Brasil visitas ilustres ao longo das últimas 48 edições.

Francis Ford Coppola passou pelo evento no ano passado e saiu laureado com o Troféu Leon Cakoff, depois de exibir “Megalópolis”. Do início dos anos 2000 para cá, astros de peso - como Claudia Cardinale e Benicio Del Toro - e um coro de vozes autorais do naipe de Abbas Kiarostami, Maria de Medeiros, Amos Gitai, Manoel de Oliveira, Mohsen Makhmalbaf e Hirokazu Kore-eda, entre outros, passaram pelo festival que, desde a década de 1970, faz da diversidade estética sua bandeira. Confira a seguir o que sua 49ª edição oferece de essencial neste seu primeiro fim de semana.

SONHADORAS (“Dreamers”), de Joy Gahororo-Akpojotor (Reino Unido): Um dos achados da Ber-

linale deste ano. Depois de dois anos vivendo de forma irregular no Reino Unido, a nigeriana Isio é detida e levada ao Centro de Deportação Hatchworth, onde aguarda que seu pedido de asilo seja avaliado. Convencida de que a única saída é seguir as regras, ela resiste mesmo quando sua nova colega de quarto, a carismática Farah, a alerta do contrário. Aos poucos, Isio se adapta à rotina do centro e acaba se apaixonando por Farah. Mas sua fé começa a vacilar diante das repetidas negativas ao pedido de asilo. Quando os sentimentos entre as duas se intensificam, surge a possibilidade de fuga como uma chance para que o amor sobreviva. Onde e quando: Instituto Moreira Salles Av. Paulista, sexta, 13h.

O RISO E A FACA, de Pedro Pinho (Portugal): Paisagens da Guiné-

Bissau fotografadas pelo cearense Ivo Lopes Araújo se agigantaram poeticamente nesta espécie de “O Céu Que Nos Protege” luso-brasileiro do diretor de “A Fábrica de Nada” (2017). Tem ecos d’África(s), do Brasil e da “terrinha” numa jornada que fala de origens e de futuros possíveis para povos que, unidos por uma língua, precisam superar os ranços do pacto colonial. A trama segue o périplo de um engenheiro europeu (vivido por Sergio Coragem) que caça lastros identitários de uma cultura branca ocidental manchada de sangue. A atriz cabo-verdiana Cleo Diára foi premiada em Cannes por sua atuação. Onde e quando: Reserva Cultural 2, sexta, 19h30.

*O pescador*

Passaporte para a terra da garoa

Uma lista de títulos imperdíveis para o fim de semana na maratona cinéfila paulistana

*Sonhadoras*

KONTINENTAL'25, de Radu Jude (Romênia): Produzido pela RT Features, de Rodrigo Teixeira, este exercício de razão cínica do diretor de “Má Sorte No Sexo ou Pornô Acidental” (2021) foi laureado com o prêmio de Melhor Roteiro na Berlimale. Em seu enredo, Orsolya (Eszter Tompa) é oficial de justiça em Cluj, na região da Transilvânia. Um dia, ela precisa despejar

*Eclipse*

um homem sem-teto que mora no porão de um prédio. Um acontecimento inesperado cria uma crise moral que ela tenta resolver da melhor maneira possível. Onde e quando: CineSala, sexta, 21h.

PAPAYA, de Priscilla Kellen (Brasil): Animação nacional em puro estado de fricção. Apaixonada pela ideia de voar,

*Papaya*

uma pequena semente de mamão precisa continuar se movendo para evitar enraizar-se. Perseverante, ela descobre o poder de suas raízes, que conectam a vida por caminhos profundos e misteriosos, e desencadeia uma grande revolução, transformando seu ambiente e realizando seu sonho da forma mais inusitada. Onde e quando: CineSala, sábado, 11h.



Papagaios



Kontinental'25



Maya Me Dê um Título



Folha Seca



Bugonia



O Riso e a Faca



Garça Azul



Nova'78

MAYA, ME DÊ UM TÍTULO ("Maya, Donne-Moi Un Titre"), de Michel Gondry (França): Cerca de 21 anos depois de rodar "Brilho Eterno De Uma Mente Sem Lembranças" (2004), o mestre do videoclipe resolve apostar na animação, fazendo um experimento nas raías da colagem, estruturado como uma carta de amor à sua filha. Faz dela personagem, numa reflexão sobre como as crianças reinventam a realidade a partir de referências banais do cotidiano, como batatas fritas. Ganhou o Urso de Cristal da mostra Generation da Berlinale. Onde e quando: Espaço Petrobras, sábado, 13h30.

GARÇA-AZUL ("Blue Heron"), de Sophy Romvary (Canadá/Hungria): Um painel de angústias geracionais, este drama sobre amadurecimento e aceitação familiar rasga corações ao falar de desamparo. Tudo se passa no fim da década de 1990, quando Sasha, de oito anos, e sua família de imigrantes húngaros, mudam-se para uma nova casa, em Vancouver. Seu recomeço é interrompido pelo comportamento cada vez mais perigoso de Jeremy, o filho mais velho, que esbanja desconforto diante do Novo Mundo. Onde e quando: Sala Grande Otelo da Cinemateca Brasileira, sábado, 15h45.

FOLHA SECA ("Dry Leaf"), de Alexandre Koberidze (Geórgia): Ganhador do Prêmio da Crítica do Festival de Locarno, onde recebeu ainda uma menção honrosa do júri oficial, essa aventura metafísica parte do sumiço de uma fotógrafa. A última informação que se tem da moça é que ela estava fotografando estádios de futebol rurais em aldeias georgianas. Seu pai, Irakli, parte em busca da garota, viajando de um lugar para outro. O melhor amigo da jovem, que é considerado uma pessoa invisível (literalmente), também parte para ajudar, neste estudo sobre a atomização de subjetividades. Onde e quando: Espaço Petrobras 2, sábado, 16h25.

NOVA'78, de Rodrigo Areias e Aaron Brookner (Portugal/ Reino Unido): Este .doc de narrativa nevrálgica resgata imagens (a maioria inéditas) da lendária Nova Convention, um evento de três dias, realizado na cidade de Nova York de 30 de novembro a 2 de dezembro de 1978, numa homenagem ao escritor beatnik William S. Burroughs (1914-1997). A "convenção" incluiu seminários, apresentações musicais, leituras, performances e ... confusão. Onde e quando: Reserva Cultural, sábado,

17h50.

PAPAGAIOS (Brasil): Uma sequência de justaposição de rostos ao som de "Naquela Mesa", na voz de Nelson Gonçalves (1919-1998), gravou este thriller queer com ecos de "O Rei da Comédia" no imaginário do Festival de Gramado, de onde saiu com quatro Kikitos, incluindo o de Júri Popular. É a saga de um "papagaio de pirata", aqueles aficionados por câmeras de TV e fotos de jornal, que fazem tudo para aparecer num flash. Um deles, Tunico (Gero Camilo), envolve-se numa encrenca ao arrumar um pupilo em meio a um tributo ao cantor Leo Jaime em Curicica. Onde e quando: Sala Grande Otelo da Cinemateca Brasileira, Sábado, às 19h30.

BUGONIA, de Yorgos Lanthimos (EUA): Emma Stone volta a se unir ao realizador grego que lhe assegurou o Oscar com "Pobres Criaturas" (Leão de Ouro de 2023), agora no papel da CEO de uma megacorporação que é sequestrada por dois perdedores profissionais obcecados com a invasão de alienígenas. Para os raptos, a empresária é um ET. Indicado ao Leão de Ouro, o longa vale pela taquicárdica atuação de Jesse Plemons, como um dos sequestradores. Onde e quando: Multiplex Playarte Marabá, domingo, 14h25.

ECLIPSE, de Djin Sganzerla (Brasil): Cinco anos depois de sua estreia na direção com "Mulher Oceano" (2020), a premiada atriz de "Falsa Loura" (2008) narra a saga de Cleo, astrônoma de 43 anos grávida (vivida pela própria Djin) que é surpreendida pela visita de sua meia-irmã Nalu, de origem indígena (papel de Lian Gaia). Ela revela um segredo perturbador, despertando memórias fragmentadas. Apesar das diferenças, as irmãs se aliam para investigar Tony (marido de Cleo, vivido por Sérgio Guizé), que esconde um passatempo sombrio, enquanto mergulham nas entranhas da Deep Web. Onde e quando: Cinesesc, domingo, 17h20

O PESCADOR ("The Fisherman"), de Zoey Martinson (Gana): Eis uma aula de realismo mágico que rendeu à sua diretora uma láurea da Unesco no Festival de Veneza. Seu protagonista, um pescador ganês, estava afastado do ofício, mas embarca numa jornada inusitada, ao lado de um peixe falante (e sarcástico!), em busca do sonho de ter um barco. Na jornada, ele aprende a se adaptar ao mundo moderno. Onde e quando: Cine Satyros Bijou, domingo, 21h15.

Divulgação



'The President's Cake' ganhou o troféu Camé d'Or e a láurea de júri popular em Cannes

Saddam Hussein virou glacê

Pouco visto em festivais e em circuito, o cinema do Iraque acumula prêmios e prestígio com 'The President's Cake', premiado pelo júri popular de Cannes e talhado para chegar ao Oscar

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Do Irã todo mundo espera filme bom, como comprovou a Palma de Ouro confiada a Jafar Panahi por "Foi Apenas Um Acidente", que a Mostra de São Paulo exhibe no próximo dia 27, às 18h30, na Cinemateca Brasileira. Já do Iraque... de lá ninguém sabe que tipo de curta ou longa-metragem esperar. Por conta dos conflitos contra os Estados Unidos, em especial o embate envolvendo o Kwait nos anos 1990, pouco se vê (ou se conhece) da produção audiovisual iraquiana, o que vem tornando a carreira internacional da

aventura em tons dramáticos "The President's Cake" um acontecimento... com exibição no Brasil assegurada para este fim de semana.

Haverá sessões dele na maratona cinéfila paulistana nesta sexta, às 18h30, na Sala Petrobras da Cinemateca, e no sábado, às 21h15, no Multiplex Playarte Marabá. Maior achado da mostra Quinzena de Cineastas do último Festival de Cannes, essa produção despontou primeiramente como iguaria e, depois, firmou-se uma certeza de excelência. Coube a ele o cobiçado troféu Caméra d'Or, espécie de Palma para estreantes. Seu diretor, Hasan Hadi, recém-chegado ao formato das longas-metragens, foi recompensado ainda com a láurea de júri popular da Croisette.

Venceu por uma narrativa que mistura algo do "era uma vez..." típico das fábulas com um neorrealismo de raiz. Faz lembrar "O Balão Branco" (1995), do já citado Panahi, pela sua matriz de heroína infantil, mas não se agarra a eixos etnográficos, como o cult supracitado fazia. O que vemos é uma nação imersa no medo pelos olhos de uma criança.

"Ao retratar a miséria, eu não faço um simbolismo proposital", disse Hadi ao Correio da Manhã. "Entre a fábula e o naturalismo, existe uma jornada".

Com considerável experiência no posto de montador, Hadi dirigiu antes o curta "Swimsuit", que estreou no Festival de Varsóvia de 2021. Ele cresceu no sul do Iraque

e, já adulto, trabalhou em jornalismo, antes de se tornar professor adjunto no Programa de Pós-Graduação em Cinema da New York University. Recebeu o Gotham-Marcie Bloom Fellowship, o Black Family Production Prize e o Sloan Foundation Production Award. É bolsista do Sundance Lab 2022 e conquistou, a partir de Nova York, meios para filmar "The President's Cake". "É uma história que passa pelas minhas memórias de garoto", disse o realizador.

Sua protagonista é Lamia (Banin Ahmad Nayef), uma estudante de 9 anos que precisa cumprir a tarefa imposta por sua escola: preparar um bolo. Não se trata de um bolo qualquer. É um bolo de aniversário para... Saddam Hussein (1937-2006), o então líder de sua pátria. Estamos no início dos anos 1990, na era Bush (pai), e está chegando o dia 28 de abril, data em que o Iraque era obrigado (por lei) a celebrar o aniversário de seu governante, como se fosse uma festa cívica. Em meio a essa comemoração, Lamia, que é paupérrima, tem que fazer o tal doce do título (e com recheio de creme) para levar para o colégio. Se não o fizer (e bem), cairá em desgraça. O problema é que ela não tem dinheiro para os ingredientes e sua responsável, uma avó cheia de retidão (Waheed Thabet Khreibat), também pouco pode ajudá-la. Começa aí uma travessia acachapante em busca de açúcar, fermento, farinha e ovos, numa dinâmica de ação que conversa frontalmente com as cartilhas de Hollywood, apesar de o ambiente diante de nós sugerir geografias distintas das que os grandes estúdios retratam.

Lamia tem dois aliados: o amigo de escola Saeed (Sajad Mohamad Qasem) e seu galo de estimação. Carrega o bicho por onde vai e percebe que todos os aviários da região almejam se apoderar da ave. O que se vê nessa operação culinária é um microcosmos da opressão, tanto a interna (de Saddam) quanto a externa, por bombas que explodem aqui e a ali.

"É a travessia de duas crianças num ambiente de pobreza", disse o cineasta, que saiu da Croisette cercado de chances de ter seu filme entre os concorrentes ao Oscar.

Antes de seu "The President's Cake", conhecia-se o cinema iraquiano pelo trabalho de Abbas Fahdel ("Retour à Babylone" e "Homeland (Iraq Year Zero)") e por Mohamed Al-Daradji, que arrebatou a Berlinale, em 2010, com "Filho da Babilônia". Outro nome respeitado, egresso de Bagdá, foi Mohamed Shukri Jameel (1937-2025), famoso por "King Ghazi of Iraq" (1993).

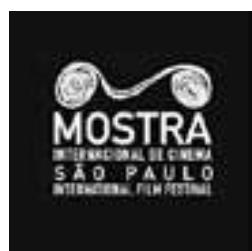
"The President's Cake" volta a passar na Mostra no dia 21 de outubro, às 15h, no Reserva Cultural, e no dia 24, também às 15h, no Espaço Petrobras.

ENTREVISTA / AURÉLIO MICHILES, DOCUMENTARISTA

Livia Bello/Divulgação



'Cada filme realizado sobre a ditadura é uma luz que ilumina a escuridão do silenciamento'



Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Depois do Oscar dado a "Ainda Estou Aqui" e após o fenômeno pop que "O Agente Secreto" virou, o universo repressivo da ditadura brasileira, nos anos 1970, vem mobilizando as maiores mostras internacionais da indústria audiovisual, a incendiar novas miradas sobre os porões da tortura e sobre controle estatal. Na 49ª Mostra de São Paulo, essa discussão vai ganhar corpo, poesia e, principalmente, um nome: "Honestino". Fusão de raro equilíbrio entre documentário e ficção, o longa-metragem

do diretor amazonense Aurélio Michiles, com foco na luta do líder estudantil Honestino Guimarães (sequestrado em 1973, aos 26 anos), ferveu o Festival do Rio de 2025 em debates políticos de alta temperatura. Saiu do cine Odeon com o troféu Redentor de Melhor Montagem. Por uma toada de taquicardia, a edição de André Finotti, que assina o roteiro com Michiles, funde uma série de arquivos com dezenas de depoimentos de familiares, amigos e militantes num mosaico que se abre para a encenação, com o ator Bruno Gagliasso, em desempenho inflamável, no papel título.

A Mostra receberá esse coquetel Molotov de memória e indignação no dia 22, às

19h30, na sala 1 do Espaço Petrobras De Cinema, com mais uma projeção no dia 28, às 16h30, no Reserva Cultural 1. A cada sessão, sua trilha sonora, composta por Flavia Tygel, vai grudar nos tímpanos, com seu requinte melódico raro. É um biopic sobre um herói da resistência, mas é também um tratado "autogeográfico" sobre a geração de Michiles, que nasceu em Manaus, em 1952.

Formado em Arquitetura pela Universidade de Brasília e em Artes Cênicas pela Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Michiles dirigiu filmes como "O Cineasta da Selva" (1997), "Teatro Amazonas" (2002) e "Segredos do Putumayo" (2020), premiado pela APCA em 2022. Atuou também na TV

e hoje vive em terras paulistanas. Por e-mail, ele explicou ao Correio da Manhã a bússola de esperança que guia "Honestino".

Qual foi a primeira vez em que o nome do Honestino mobilizou suas atenções?

Aurélio Michiles - A história de Honestino Guimarães ou "Gui" (era como todos nós o conhecíamos) sempre esteve entre os meus projetos para realizar um filme. Quando cheguei em Brasília, em 1968, aos 16 anos, vindo de Manaus junto com amigos – um deles é o hoje escritor Milton Hatoum –, logo conseguimos criar relações de amizade no movimento estudantil secundarista (ensino médio). Ali, o Honestino já era a grande referência, o líder estudantil da UnB, a Universidade de Brasília. Inclusive o quarto que alugamos na W3-Sul, servia de refúgio para as reuniões clandestinas organizadas pelo Honestino.

Como foi o processo de direção de Bruno Gagliasso para a criação da persona de Honestino, numa relação de simbiose com os depoimentos e com as imagens de arquivo?

A simbiose principal foi a conexão entre o diretor e o ator. Como se diz, aconteceu uma química, e, a partir daí, foram conversas e trocas de mensagens (cartas pessoais e poemas do Honestino) e arquivos (fotos). O Bruno assimilou a atmosfera da personagem e incorporou em momentos distintos a dramaticidade narrativa do filme. O meu trabalho de diretor foi sempre lembrá-lo que o personagem não era triste, mas ao contrário, alegre, carismático.

De que maneira o teu filme dialoga, de modo consciente, com os registros anteriores que o cinema brasileiro fez da ditadura? O que significa fazer um documentário sobre nossa épica política nos tempos polarizados de hoje?

O filme "Honestino" conscientemente segue na busca em querer refletir sobre um período ditatorial vivido pela minha geração. Honestino Guimarães foi assassinado aos 26 anos. Foi um líder estudantil que se recusou a se exilar para manter viva a resistência do movimento estudantil, e isso faz dele uma referência, um exemplo para as novas gerações. No Brasil atual, quando muitos querem reescrever a nossa história, cada filme realizado sobre aquela época é uma luz que ilumina a escuridão do silenciamento. Isso nos faz querer continuar a falar sobre o que foram aqueles anos de violência e intolerância.

CRÍTICA / FILME / NÓ

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Feitiço de amarração

Divulgação



Saravy é a operária que luta para manter a guarda das filhas em 'Nó', um dos achados do Festival de Gramado

Gramado chorou com “Nó”, mas deu lá suas risadas, com o bom humor de sua protagonista na cervejinha com amigas e amigos, “amarrado” por uma narrativa que pede bênção à força dos orixás. Primeiro dos seis concorrentes ao Kikito de Melhor longa-metragem de Ficção a cruzar o festival de cinema mais popular do país, o drama de CEP paranaense (mas universal) pilotado pela estreante Laís Melo saiu da serra gaúcha com um dos troféus mais cobiçados do evento: o prêmio de Melhor Direção. Venceu ainda a disputa pela Melhor Fotografia (mérito de Renata Corrêa) e ganhou o Prêmio da Crítica. Saiu vitoriosa em cada frente dessa pela sinceridade que transborda a cada plano, ao desatar as incongruências do capitalismo confirme se instaura (e bem) numa genealogia lusófona recente, que inclui as produções anglo-portuguesas “On Falling”, de Laura Carreira (prêmio de Melhor Direção em San Sebastián, em 2024) e “Listen”, de Ana Rocha (que ganhou cinco prêmios no Festival de Veneza, em 2020).

São longas centrados na opressão de mulheres em ambientes laborais, que têm interpretações colossais em sua linha de frente. A estrela de “Nó” (e coautora do

roteiro com Laís), a atriz Saravy (antes chamada Patrícia Saravy), deslumbrou Gramado com seu minimalismo.

Glória, sua personagem, é operária numa fábrica de alimentos, que faz aqueles pipocões doces do saco rosa. Tem três filhas.

Tem amigas fidelíssimas. Tem fé no Santo, batendo cabeça para as entidades que lhe abrem caminho. Mudou para o Centro, com o intuito de dar às suas meninas uma vida melhor, próxima da escola. No emprego, ela engata num processo seletivo que pode lhe assegurar um aumento... de tarefas e de salário. Tudo parece bem, mas parecer e ser... na linhagem de filmes em que Laís insere sua bela longa... não são sinônimos.

Há um ex-marido tóxico... que avança para o terreno do abuso... em seu caminho. Ele almeja a guarda da prole de Glória. Na labuta, a supracitada promoção, que depende de uma escolha da chefia para se concretizar, cria desavenças e náuseas afetivas. A toxicidade está no ar que essa mãe coragem respira.

O notável desenho de som de Tulio Borges permite que os silêncios de Glória se agravem na percepção da plateia, da mesma forma como exponencia a majestade de sua gargalhada com prazeres fugazes (regados a Skol litrão) com suas camaradas, na alegria de ver a dedicação da filha às provas de Física. Nos enquadramentos, Renata Corrêa jamais carrega nas tintas em seu registro fotográfico, para não resvalar no melodrama, e deixar a centelha neorealista da dramaturgia vingar sem excessos. Laís ferve o caldo sociológico que tem deixando cruas as asperezas capitalistas, mas aquecendo ao máximo a doçura de Glória.

CRÍTICA / FILME / EU E MEU AVÔ NIHONJIN

‘Madadayo’ animado

A palavra que serve de título a esta resenha, cujo significado é “ainda não!”, no sentido de não se estar pronto para uma missão ou escolha, foi tomada emprestada do título do derradeiro longa-metragem de Akira Kurosawa (1910-1998). Sua evocação, para uma análise do tocante “Eu e Meu Avô Nihonjin”, tem uma camada etnográfica mais imediata, pela conexão dessa animação brasileira com a cultura japonesa. Há, contudo, outra razão, que remete à ansiedade de um ancião na iminência da partida, no desejo de conexão com o neto que lhe aterra a este plano.

A finitude gorjeia como ave faminta a saga de construção identitária do guri Noboru, um dos personagens mais ricos (dra-



Divulgação

Uma direção de arte delicada transforma ‘Eu e Meu Avô Nihonjin’ num colírio para os olhos

maturgicamente) do nosso cinema animado desde “O Menino e o Mundo” (2013). Falou-se antes aqui de “fim”, mas a prerrogativa crepuscular da trama não imprime dor à narrativa de investigação antropológica de Celia Catunda, diretora que tem no currículo o fenômeno “O Peixonauta”.

Amparada numa direção de arte de colorido lívido, inspirada pelas pinturas do urbanista Oscar Oiwa, Celia nos apresenta a vontade de potência de Noboru, um descendente de imigrantes do Japão, que passa a investigar a história de sua família após ouvir as memórias do avô. Ao longo dessa jornada, ele descobre a existência de um tio misterioso e reflete sobre o que significa ser nipo-brasileiro, entre tradições herdadas e o desejo de pertencer a dois mundos. Ken Kaneko e Pietro Takeda integram o elenco de vozes desta aventura regada pelos acordes de uma trilha original de Márcio Nigro e André Abujamra. (R.F.)

CRÍTICA / LIVRO / A CHAMADA

Uma vida passada a limpo

Por **Olga de Mello**
ESpecial para o Correio da Manhã

Uma mulher com um passado tenebroso que conseguiu se fortalecer para ter uma boa vida. Assim a jornalista argentina Leila Guerriero define Silvia Labayru, que sobreviveu à tortura e pressões dos militares que a aprisionaram em 1977, quando tinha vinte anos e cinco meses de gravidez. Depois de dar à luz na cadeia, Silvia foi convocada, como outros presos, a fazer “serviços” para os militares, dentro de um programa de “recuperação” ideológica. Entre as tarefas estava a de se passar por irmã de um de seus captores para se infiltrar entre as Mães da Praça de Mayo.

Passaram-se quarenta anos até Silvia Labayru aceitar conversar com um jornalista. Libertada em 1978, ela foi repudiada por ex-companheiros de militância do grupo Montoneros, pois a ação junto às Mães da Praça de



Ex-militante, Silvia Labayru relata os ‘serviços’ que foi obrigada a prestar à ditadura argentina em depoimento a Leila Guerriero

Mayo levou ao desaparecimento de três das associadas e de duas freiras francesas. Leila Guerriero gravou mais de 80 conversas com Silvia para traçar seu perfil. Também ouviu amigos, ex-colegas de colégio, o primeiro marido, seus filhos, detalhando nas mais de 450 páginas de “A chamada” (Todavia, R\$ 87,40) diferentes visões sobre uma personalidade fascinante.

A beleza da loura de olhos azuis destacava Silvia Labayru entre os colegas adolescentes do Colégio Nacional Buenos Aires, instituição de ensino que formava a elite portenha. Descrita como tímida, colecionou apaixonados, mas seu principal interesse era a militância no grupo Montoneros. Capturada sem acusação formal, ficou um ano e meio nas dependências da Escola de Mecânica da Ma-

rinha. Aos amigos influentes do pai foi creditado o “privilégio” da inclusão na “recuperação”, mas nem seus bons contatos impediram que sofresse toda sorte de violências físicas e sexuais. Para demonstrar boa vontade, os militares a levavam a visitar a filha recém-nascida, entregue aos avós paternos – o marido havia saído do país – ou marcavam encontros com seus pais. Depois, voltava para o centro clandestino de detenção da Marinha.

Atualmente no terceiro casamento, com um psiquiatra a quem namorou antes de se juntar aos Montoneros, ela se divide entre a Argentina e a Espanha. Boa parte das entrevistas aconteceu durante a pandemia, quando Silvia permaneceu em Buenos Aires, fazendo raras visitas à filha, que mora na Irlanda, e ao filho, que vive nos Estados Unidos. O retrato captado por Leila Guerriero mostra uma mulher cautelosa ao revelar o passado, que compreende o ressentimento dos antigos companheiros e refuta a acusação de traidora, justificando seu comportamento pelo temor de que os militares matassem sua família. Trabalhos anteriores da jornalista são marcados pelas minúcias narrativas que compõem as facetas de seus personagens reais. “Uma vida simples” (Bertrand, R\$ 49,90), um livro-reportagem sobre um candidato a campeão de dança folclórica, também foi montado sobre as camadas que apresentam a diversidade que caracteriza cada indivíduo.

NA ESTANTE

POR **OLGA DE MELLO**

A HORA MÁGICA

Carlos Messias aborda a espiritualidade dos povos originários amazônicos num contexto atual: o crime organizado que se infiltra na região a serviço do agronegócio e o combate aos saberes ancestrais por fundamentalistas religiosos. Um psiquiatra percorre o interior do Acre, descobrindo caminhos além do racionalismo ocidental através da ayahuasca e das medicinas tradicionais amazônicas. Ao conhecer os cantos de cura e cerimônias xamânicas, ele estabelece um ponto de contato entre a cultura milenar dos indígenas e a ciência contemporânea, na narrativa que combina oralidade indígena e linguagem poética. Patuá, R\$ 60



PERIMENOQUÊ?

A especialista em saúde holística Isabela Fortes, enfoca a perimenopausa – período de cerca de sete anos que antecede a menopausa – e a transição do que chama de “segunda adolescência” da mulher para a “Nova Primavera”. O guia se aprofunda em questões como sintomas e diagnóstico da perimenopausa, aborda a polêmica em torno da reposição hormonal, tirando dúvidas sobre alterações no corpo que podem ocorrer na pós-menopausa: da pele seca, redução da libido e queimação na língua, passando pelas oscilações de humor até a necessidade de atenção à osteoporose. Intrínseca, R\$ 59,90



12 COISAS QUE A CRIANÇA SABE QUE EXISTEM

Manoela Queiroz Bacelar, mistura realidade e fantasia, trazendo o olhar encantado dos pequenos para os objetos do dia a dia. Só as crianças conhecem, por exemplo, sapatos-foguetes em forma de sapos e vagalumes japoneses que vivem debaixo de sua cama. Embora destinado originalmente ao público infantil, o lirismo da autora, que recorda o quanto a imaginação é instrumento das crianças para entenderem os mistérios e normas da existência conquista leitores de todas as idades. Armazém da Cultura, R\$ 60



Matheus Ramos/Divulgação



Xepa Bar

Divulgação



Dida Bar & Restaurante

Divulgação



Vizinhandando

Tais Barros/Divulgação



Polvo Bar

Ok, você venceu: *batata frita!*

A rainha dos petiscos cariocas vai de acompanhamento a estrela da mesa

Por **Natasha Sobrinho** (@restaurants_to_love) Especial para o Correio da Manhã

Nos bares e restaurantes do Rio, a batata frita é praticamente item obrigatório na mesa. Crocante por fora e macia por dentro, ela chega de todo jeito: fininha e sequinha, rústica com casca, em palito grosso ou até com toppings inusitados como ovas de massago. Vai bem com hambúrguer, com petisco, com cerveja gelada... e, vamos combinar, muitas vezes rouba a cena e vira o prato principal. Dá pra jogar queijo, bacon, molhos e temperos em cima e deixar ainda mais gostosa. Simples, prática e irresistível a batata frita é a cara do carioca. Confira abaixo nossa seleção:

BLUE BLAZER – No bar do mixologista Lelo Forti, além dos drinks, é possível encontrar petiscos como as batatinhas inglesas assadas, com páprica defumada, alecrim e aioli com farofa de bacon (R\$ 38). Rua Álvaro Ramos, 11 – Botafogo. Tel: (21) 96882-1073.

CORRIENTES 348 – A casa de carnes, integrante da lista de restaurantes recomendados pelo Guia Michelin Rio de Janeiro 2025, conta com opções de batatas fritas como acompanhamentos para seus cortes. Entre as sugestões estão: as Papas Provenzal (R\$ 58, inteira / R\$ 48, meia), batatas fritas com alho e salsinha e a Papatasso (R\$ 66), batatas fritas ao murro com orégano. Av. das Américas, 7777 - Barra da Tijuca. Tel: (21) 3648-7008.

DIDA BAR – A Batata Frita Especial com Calabresa e Queijo Gratinado (R\$ 38), assinada pela chef Dida, é um sucesso na casa. Servida bem quentinha, ela chega à mesa coberta por fatias de calabresa doura-

Divulgação



Usina Burger

das e uma generosa camada de queijo gratinado, que derrete e se mistura aos sabores, criando uma combinação irresistível. Rua Barão de Iguatemi, 379 - Praça da Bandeira. Tel: (21) 2504-0841.

POLVO BAR - O bar da premiada chef Monique Gabiatti oferece as Fritas

Divulgação



Blue Blazer

Umami (R\$ 41). Fritas finas, crocantes e sequinhas, com tempero umami da chef, sour cream, kimchi oil e ovas de massago. Rua General Polidoro, 156 – Botafogo. Contato:@polvobar.

USINA BURGER – Na hamburgueria é possível encontrar a Batata Pulled

Divulgação



Corrientes 348

BBQ (R\$ 44,90). Uma batata frita coberta com creme de cheddar, pulled pork, cebola crispy e barbecue. Rua Uruguai, 397 – Loja B - Tijuca. Tel: (21) 3844-5212.

VIZINHANDO – A pedida no restaurante é a Batata Costelão (R\$ 69,90), uma combinação para quem é fã de sabores marcantes. As batatas fritas chegam à mesa douradinhas e crocantes, recebem uma generosa camada de cheddar cremoso e são cobertas com costela de boi desfiada, preparada lentamente até ficar macia e suculenta. Finalizada com sour cream, toque de chimichurri e farofa crocante de bacon. Ideal para compartilhar. Av. das Américas, 15500 – piso L2 - Recreio dos Bandeirantes - Américas Shopping. Tel: (21) 3586-6641.

XEPA BAR - Fritas da Feira – No descontraído bar localizado em Botafogo é possível encontrar os Palito Caseiros (R\$28,90), crocantes e sequinhos servidos com coalhada temperada e cebolinhas. Endereço: Rua Arnaldo Quintela, 87. Tel: (21) 99869-4769.

Como se dança o baião

Companhia leva ao Gama espetáculo que homenageia a cultura nordestina

Por Mayariane Castro

A Transições Cia de Dança apresenta neste final de semana, no Sesc Gama, o espetáculo “Na pegada popular, no coração do Brasil”. A obra reúne 20 bailarinos e traz ao palco 11 coreografias inspiradas em manifestações da cultura popular nordestina.

A apresentação tem como foco destacar a contribuição de trabalhadores migrantes na formação social e cultural do Distrito Federal, por meio da dança contemporânea com base em ritmos como frevo, coco, cavalo marinho, baião, xaxado e caboclinho.

Criado em Planaltina, onde a companhia tem sua sede, o espetáculo foi desenvolvido a partir de estudos da literatura de Mário de Andrade, autor de Macunaíma, e da pesquisa sobre manifestações tradicionais brasileiras.

A proposta é evidenciar o papel dos migrantes nordestinos no processo de construção da capital

federal, desde as primeiras expedições missões exploratórias da Missão Cruls até o projeto urbanístico de Brasília. A direção artística é assinada por Leandro Lira, artista com atuação reconhecida na região administrativa.

A montagem estreou originalmente em 2021 e estreia no Gama após a recepção positiva do público local. A nova apresentação conta com adaptações no roteiro e na encenação, resultado do processo contínuo de pesquisa e formação artística da companhia. A produção é viabilizada com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF).

O espetáculo busca estabelecer um diálogo entre dança contemporânea e expressões populares, utilizando a linguagem corporal como ferramenta de narrativa histórica e valorização das raízes culturais do povo brasileiro. Ao incorporar ritmos e personagens simbólicos do imaginário nordestino, a companhia propõe uma reflexão sobre

Fora do eixo central de Brasília

Transições busca fortalecer seu vínculo com outras regiões do DF

De acordo com os organizadores, a intenção é fortalecer os laços com a comunidade e ampliar a circulação de obras culturais em áreas fora do eixo central de Brasília.

A companhia busca, por meio dessa produção, contribuir para o reconhecimento do papel das manifestações populares na construção da identidade nacional. A narrativa do espetáculo se constrói por meio de personagens representativos do imaginário nordestino e elementos da

cultura oral, musical e corporal tradicional.

A proposta estética parte de um olhar contemporâneo sobre expressões populares, buscando respeitar suas origens e, ao mesmo tempo, inseri-las em novos contextos cênicos. O uso de figurinos, trilhas sonoras e movimentos baseados em danças tradicionais visa manter a conexão com a fonte original, sem perder a liberdade criativa da composição coreográfica.

Marcelo Candido/Divulgação



Espectáculo fala do peso nordestino na formação

Marcelo Cândido/Divulgação



A cultura nordestina domina o espetáculo

a diversidade que compõe a identidade do Distrito Federal.

A apresentação também se insere em um projeto de formação e descentralização cultural da Transições Cia de Dança, que atua em regiões periféricas com o objetivo de promover o acesso à arte e fortalecer a profissionalização de artistas locais. Além das apresentações, a companhia desenvolve oficinas e ações formativas que integram sua prática artística.

Desde sua criação, a Transições Cia de Dança tem como objetivo articular diferentes linguagens da dança e promover a inclusão por meio da arte. Sua trajetória está marcada por espetáculos que dialogam com temas ligados à história, à cultura e à identidade das populações do Distrito Federal, com ênfase na valorização das origens nordestinas. A escolha pelo Gama como palco para a reapresentação foi motivada pela resposta do público local durante a montagem anterior.

Com atuação contínua em Planaltina, a Transições Cia de Dança já realizou outros projetos com foco em dança, educação e cultura. A companhia desenvolve atividades formativas e se apresenta em escolas, centros culturais e eventos públicos, priorizando o acesso gratuito e a formação de plateias nas periferias do DF.

“Na pegada popular, no coração do Brasil” integra uma linha de espetáculos que investigam a cultura popular brasileira como fonte de linguagem e expressão artística. Para o grupo, a valorização dessas manifestações está diretamente ligada à construção de uma identidade cultural diversa e plural, capaz de representar a história de formação do povo brasileiro.

TEATRO

A Domadora de Bicicletas

✱A palhaça Marmota, criada e interpretada por Tina Carvalho, apresenta “A Domadora de Bicicletas” no Teatro Sesc Silvío Barbato de 24 a 26 de outubro. Atriz, bailarina, equilibrista e mágica, Marmota transforma sua bicicleta Potranca Espacial em palco para um espetáculo de teatro, circo e palhaçaria contemporânea, livre para todas as idades. Com direção de Luciano Porto, a montagem combina humor, poesia e inventividade, celebrando a arte popular e a tradição circense. Ingressos pelo Sympla.

Uma Noite na Ópera

✱O projeto “E Lucevan le Stelle – Uma Noite na Ópera” leva o público a uma noite de gala com árias e duetos imortalizados nos grandes palcos. Conduzido pela soprano Ariadna Moreira e solistas brasilienses, o espetáculo será em 22/10 no Teatro Paulo Autran (Sesc Taguatinga) e 24/10 no Teatro Levino de Alcântara, sempre às 20h. Gratuito, com audiodescrição e tradução em libras, é livre para todos os públicos.

Espectáculo FIM

✱O espetáculo de dança-teatro FIM, dirigido por Juana Rondon, reflete sobre o esgotamento do planeta e das relações humanas, inspirado no livro de Ailton Krenak. Com dramaturgia do movimento, dança física e quatro cenas que exploram cotidiano, lixo e isolamento, a montagem será apresentada de 24/10 a 2/11 no CCBB Brasília, com sessões gratuitas, audiodescrição e intérprete de Libras.

PROJETO

Festival de Break nas Escolas

✱O Festival de Break nas Escolas retorna em 25/10, a partir das 14h, no CEDEP Paranoá, com entrada gratuita. A 2ª edição promove a cultura hip-hop e oportunidades para jovens da periferia em batalhas de estudantes e profissionais, premiando R\$ 3.900,00. Comandado pela Wild Unlimited Crew, o evento inclui apresentações da crew e do rapper WL O Drama. Credenciamento às 13h.

2º Prêmio Candango de Literatura

✱O 2º Prêmio Candango de Literatura anuncia 67 finalistas nas categorias Romance, Contos, Poesia, Prêmio Brasília,



“A Domadora de Bicicletas” chega ao Sesc Silvío Barbato com humor, poesia e acrobacias

Um DF de opções de lazer

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Diego Bresani



Espectáculo FIM provoca reflexão sobre o esgotamento do planeta

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

Capa, Projeto Gráfico e Incentivo à Leitura. A cerimônia será em 31/10, na Sala Martins Pena, Brasília, com distribuição de R\$195 mil e troféus, seguida de show de Toquinho. Realizado pela Secec-DF, o prêmio recebeu inscrições de 18 países, valorizando autores lusófonos e promovendo doação de obras e ações formativas às bibliotecas públicas.

“O Mundo de Lírío”

✱A série de animação O Mundo de Lírío, dirigida por Amanda Fernandes, celebra a conexão entre crianças e árvores do Cerrado, unindo arte, ciência e imaginação. Pré-estreia em Brasília acontece em 18/10, na Vila Planalto, com exibição de episódios, oficina de desenho e plantio de mudas. A primeira temporada tem 26 episódios de 7 minu-

Divulgação



Arte na Praça deste acontece em Sobradinho

Divulgação



“E Lucevan le Stelle – Uma Noite na Ópera”

Divulgação



Série de animação brasileira

tos, e a obra será exibida em escolas públicas do DF e futuramente em festivais internacionais. Entrada gratuita.

SHOW

Arte na praça

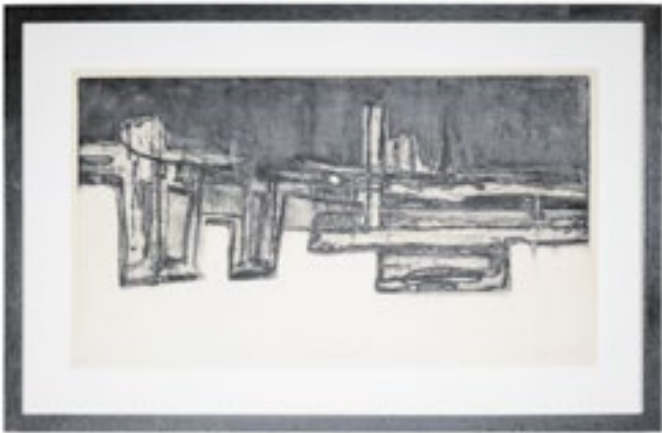
✱O Projeto Arte na Praça realiza sua 8ª edição em 18/10, a partir das 19h, na Praça das Artes Teodoro Freire, região de Sobradinho. A noite terá show da KabrunKo Rock com lançamento do novo single Moda, apresentação da dançarina Karol Thayná e performance da cantora de MPB Célia Rabelo. O evento inclui miniparque infantil e praça de alimentação. Realização da Associação Artise, com apoio da Secretaria de Cultura. Entrada gratuita e classificação livre.

Divulgação



Festival de Break nas Escolas do Paranoá

Divulgação



Exposição Isabel Pons 2025

Viva Arte Viva

✱O Pôr do Sol Cultural do Gama celebra os 65 anos da cidade neste domingo, 19/10, das 16h às 19h30, no Parque Ecológico do Gama. O evento gratuito terá apresentação da Banda do CEF 11, às 16h, e da Orquestra Filarmônica de Brasília, às 16h30, com participação conjunta de músicos e estudantes. O projeto Viva Arte Viva promove oficinas de música, teatro e dança para crianças e adolescentes do DF.

Violada do Quadradin

✱A Violada do Quadradin celebra a tradição sertaneja em Brasília no dia 17/10, a partir das 19h30, no Salão A da AABB (100% coberto). Com mais de quatro horas de modão, o evento traz artistas consagrados e novos talentos,

como Jorge Melo, Lucas Vaz, Marcos Mazzu, Theus e Igor & Wallace, além do DJ Wendel. Ingressos a partir de R\$50, disponíveis no Symply.

EXPOSIÇÃO

Exposição Isabel Pons

✱A Câmara dos Deputados recebe, de 23 de outubro a 27 de novembro de 2025, a exposição Isabel Pons – Percurso de uma exímia gravadora, em cartaz na Galeria Décimo (Anexo IV, 10º andar), com visitação de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h. Com curadoria de Oto Reifschneider, trata-se da primeira exposição individual da artista em três décadas. A mostra apresenta um recorte retrospectivo da carreira de uma das mais premiadas e reconhecidas gravadoras da história da arte brasileira.

Oficinas gratuitas de arte

✱O Centro de Artes de Brasília mantém a cultura e a inclusão com o projeto Sustentarte, oferecendo oficinas de pintura, desenho, cerâmica, mosaico, xilogravura, arteterapia e música. A iniciativa atende 70 jovens e adultos, fortalecendo a economia criativa local e promovendo expressão e confiança. Vagas gratuitas para xilogravura e arteterapia; inscrições pelo (61) 99989-9677 ou 3245-3652.

MOSTRA

Mestras do macabro

✱O CCBF Brasília exhibe, até novembro, a mostra Mestras do Macabro, com 28 filmes de horror dirigidos por mulheres de diversas nacionalidades. Além das sessões gratuitas, há debates, cursos e sessões comentadas com intérpretes em Libras e audiodescrição. A programação inclui clássicos e contemporâneos, como O Massacre, O Babadook e Medusa, destacando o papel feminino no cinema de terror.

Elas Publicam 2025

✱O Elas Publicam 2025 acontece em 26/10, das 9h às 17h, na Casa Thomas Jefferson, reunindo escritoras, editoras e profissionais do mercado editorial. Entre os destaques está Fabiane Guimarães, autora de Apague a luz se for chorar, com adaptação para cinema prevista em 2026. O encontro oferece palestras, oficinas e debates sobre literatura, mercado digital e publicação independente. Ingressos a partir de R\$200.

Arte e saúde mental

Museu Nacional abre inscrições para exposição que envolve os dois temas

Por Mayariane Castro

Estão abertas até 16 de janeiro de 2026 as inscrições para a segunda edição da mostra “Desalinhos e Costuras: Arte e Loucura”. O projeto selecionará três obras de artistas, coletivos ou iniciativas culturais de qualquer parte do país para integrar a exposição, que será realizada de 14 de maio a 5 de julho do ano que vem, no Museu Nacional da República, em Brasília. Cada trabalho selecionado receberá um prêmio no valor de R\$ 4 mil.

A mostra propõe o fortalecimento do diálogo entre arte e saúde mental por meio da valorização da produção artística vinculada a contextos de cuidado psicossocial. A curadoria da exposição será realizada por Tânia Rivera e a iniciativa é coordenada pela artista

Yasmin Adorno em parceria com três coletivos do Distrito Federal: a Cia Atravessa a Porta, o Maluco Voador e o Bloco do Rivotrio.

De acordo com os organizadores, a proposta busca promover a inclusão sociocultural de pessoas em sofrimento psíquico, além de fomentar o debate em torno de políticas públicas de base comunitária e da luta antimanicomial. A mostra inclui, além da exposição das obras selecionadas, uma programação com rodas de conversa, performances, sessões de cineclube e palestras. A ação é voltada a artistas ou grupos cujos trabalhos estejam ligados direta ou indiretamente à temática da saúde mental, seja por meio de sua trajetória pessoal, atuação institucional ou experiências.

Expressão a partir do sofrimento

Intenção é mostrar a criatividade que pode vir do transtorno

A primeira edição da mostra ocorreu em 2023, no Espaço Cultural Renato Russo, em Brasília, com a participação de artistas, usuários da rede de saúde mental e ativistas. A programação contou com oficinas, performances e exposições voltadas à valorização da arte como instrumento de expressão, cuidado e inclusão. Com a nova edição, a iniciativa amplia seu alcance, abrindo a chamada para participantes de todo o Brasil.

As inscrições devem ser realizadas exclusivamente por meio do formulário disponível nos canais oficiais. O edital de convocação não estabelece restrição quanto à linguagem artística, podendo ser inscritas obras visuais, instalações, objetos, vídeos, performances, entre outras expressões. Os resultados da seleção serão divulgados em 15 de fevereiro de 2026.

A mostra se insere em um contexto de iniciativas que dis-



Divulgação

Ideia é partir da arte para discutir importância do cuidado psicossocial



Divulgação

Expressão artística é importante caminho terapêutico

cutem novas abordagens para a saúde mental a partir da cultura, aproximando práticas artísticas das políticas públicas de cuidado e convivência. Segundo os organizadores, o projeto também pretende criar espaços de escuta e trocas de saberes entre diferentes regiões do país, fortalecendo uma rede de iniciativas que atuam na interface entre arte e

cuidado psicossocial.

A curadoria, conduzida por Tânia Rivera, terá como foco destacar a diversidade de formas de expressão que emergem de contextos de sofrimento psíquico, com atenção às histórias de vida dos participantes e às poéticas desenvolvidas a partir desses percursos. Rivera tem experiência acadêmica e profissional em psicanálise

e filosofia, com atuações na área de estética e saúde mental.

A equipe organizadora do evento destaca que a mostra “Desalinhos e Costuras — Arte e Loucura” não é voltada apenas à exposição artística, mas também ao fortalecimento de vínculos comunitários e ao enfrentamento de estigmas sociais. O objetivo é estimular um ambiente onde as experiências de sofrimento possam ser compreendidas de forma coletiva e socialmente implicada.

Os coletivos envolvidos na proposta atuam no DF há vários anos com práticas que envolvem arte e saúde mental. A Cia Atravessa a Porta desenvolve projetos de teatro e performance com pessoas em sofrimento psíquico. O Maluco Voador é um grupo que atua com oficinas artísticas em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Já o Bloco do Rivotrio é conhecido por promover o carnaval como espaço de convivência e expressão.

#cm
2
FIM DE SEMANA

Espectáculo no Gama mostra como se dança o baião

PÁGINA 7



“A Domadora de Bicletas” chega ao Sesc Silvío Barbato

PÁGINAS 8 E 9



Chamada de artistas para unir arte e saúde mental

PÁGINA 16



Diego Padilha/Divulgação

Clássicos do Brasil em ritmo de rock e reggae

Evento reúne Capital Inicial, Ira!, Humberto Gessinger, Plebe Rude e grandes nomes do reggae nacional na Marina da Glória

Por **AFFONSO NUNES**

O Festival Clássicos do Brasil chega ao seu segundo e último final de semana, neste sábado e domingo (18 e 19), na Marina da Glória, após estreia com casa lotada no último fim de semana (11 e 12). A reta final coincide com o Dia da Música Popular Brasileira, celebrado em 17 de outubro, reforçando o propósito do evento de valorizar a identidade brasileira através da música. O rock e o reggae brasileiros marcam presença nas duas noites com shows de Capital Inicial, Ira!, Humberto Gessinger, Plebe Rude, Armandinho, Maneva, Edson Gomes e Ponto de Equilíbrio. **Continua na página seguinte**

O Festival Clássicos do Brasil fecha programação de sua edição 2025 neste fim de semana

Arte, cultura e legado

Documentário sobre a vida e obra do artista visual Clécio Penedo será lançado online

Por Lanna Silveira

O documentário 'Clécio Penedo: És Tupi do Brasil', que conta a história do artista barra-mansense de mesmo nome, será disponibilizado no YouTube nesta sexta-feira (17). O filme, que foi produzido e lançado oficialmente em 2024, mostra a trajetória do artista plástico mineiro, que se mudou para Barra Mansa ainda na infância, e movimentou a cena cultural da região Sul Fluminense com trabalhos que faziam denúncias sobre problemas da realidade brasileira e abraçavam diferentes causas sociais.

A direção do documentário é de Pedro Henrique Reis, jornalista e produtor de televisão volterredondense. O documentário foi idealizado como o trabalho de conclusão de curso (TCC) de Pedro, que conheceu a obra de Clécio ainda no Ensino Médio por meio das aulas de arte. "Desde a adolescência já admirava o trabalho do Clécio por



Divulgação

Curta foi produzido pelo jornalista Pedro Henrique Reis junto ao Instituto Clécio Penedo

toda a iconografia, todo o repertório e todas as técnicas que ele usa, como colagem e outras experimentações. Tudo isso me encantava muito", explica o diretor, que acrescenta ter escolhido abordar o artista em seu TCC como uma forma de descobrir mais sobre o contexto de sua arte e carreira. Pedro destaca o papel de seu professor, Ayrton Costa,

e de Antonieta Penedo, viúva do artista, no sucesso do documentário; enquanto Ayrton o aproximou de pessoas que tiveram contato próximo com Clécio durante a vida e o ajudou a elaborar a narrativa do filme, Antonieta ofereceu acesso ao acervo do artista, permitindo que ele estudasse trabalhos originais, rascunhos, esboços e até mesmo

referências utilizadas por Clécio.

Ao desenvolver a narrativa do filme, Pedro optou por deixar que os depoimentos dos próprios entrevistados conduzissem a história contada, renunciando ao uso de recursos externos, como narração ou voz-off. Todos os entrevistados são pessoas próximas de Clécio; entre elas, estão Ana Letícia Penedo, filha

de Clécio, e a própria Antonieta.

- Quando fui chamada para ajudar no filme senti como se uma linha imaginária estivesse separando os guardados de um artista que mantinha tudo muito bem guardado. Foi com muito amor e respeito que começamos a tornar público os segredos e confidências do artista - comemora Antonieta.

Algumas gravações do documentário foram realizadas no Instituto Clécio Penedo - espaço de Barra Mansa que mantém preservado o acervo do artista e é aberto à visitação. O curta também tem cenas gravadas com alunos e professores do Colégio Municipal Clécio Penedo, escola batizada como uma homenagem em vida para o desenhista.

Com a chegada do filme à internet, toda a equipe envolvida na produção do documentário espera que a arte de Clécio alcance novos públicos e cativa ainda mais quem já admira seu trabalho.

Reconhecimento nacional e orgulho local

A arte de Clécio Penedo é reconhecida não somente na região Sul Fluminense, como no Brasil inteiro. O artista, que frequentou a Escola Nacional de Belas Artes durante a década de 1950, desenvolveu trabalhos de criação própria e encomendados por instituições de arte de diversas partes do Brasil. O estilo do artista apresentou diversas formas ao longo de sua carreira: de desenhos com traços tradicionais até experimentos com colagens e uso de figuras de impacto e cores vivas. Um dos trabalhos mais notórios do artista é o painel "Colonização e Dependência" - que aborda, por meio de

imagens simbólicas, diferentes momentos da história brasileira, como o sistema colonial, o processo de independência e perspectivas para o futuro do país -, encomendado pelo Museu Histórico Nacional na década de 1980.

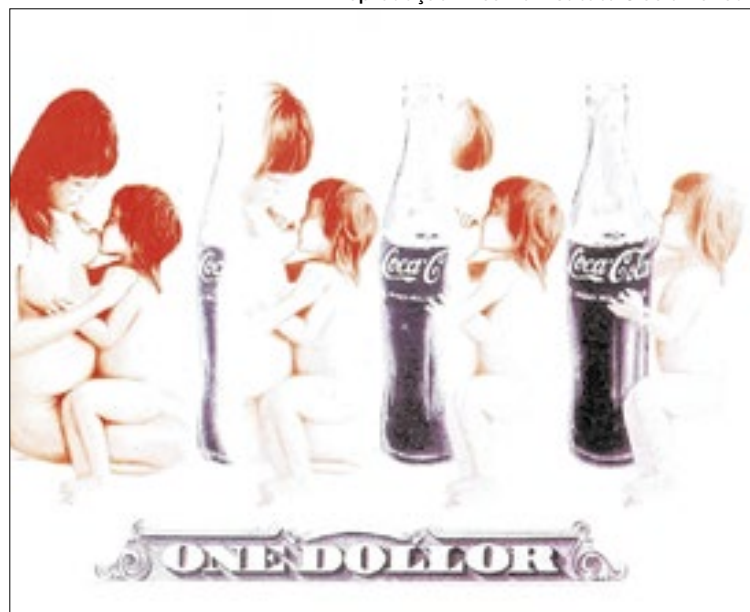
O nome do documentário faz referência a uma das séries de desenhos mais reconhecidas de Clécio, "És Tupi do Brasil", que retrata, por meio de diferentes obras, o apagamento dos povos originários brasileiros. Esta e outras coleções do artista foram revisitadas no documentário, passando por toda a

evolução do pensar artístico e social de Clécio.

Além do Museu Histórico Nacional, obras do catálogo do artista também foram expostas no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro; no Museu Lasar Segall, em São Paulo; no Museu Imperial, em Petrópolis; e alcançou, ainda, reconhecimento em casas de arte do Japão e da Alemanha.

Em Barra Mansa, a apreciação pelo legado do artista se expressa por meio de homenagens; o nome de Clécio foi utilizado para intitular escola, galeria de arte, rua e honraria para medalha de mérito cultural.

Reprodução - Acervo Instituto Clécio Penedo



Obra "One Dollor", produzida por Clécio em 1979

Experiência musical e gastronômica

20ª edição do 'Piraí Fest' agita o fim de semana na região Sul Fluminense

O evento "Piraí Fest" começou nesta quinta-feira (16) em Piraí, com uma programação de atrações e atividades diversas que se estende pelo fim de semana. A festa, que chega a sua 20ª edição em 2025, é sediada no Centro de Eventos da cidade, com entrada gratuita.

Neste ano, o festival oferecerá como atrações musicais shows de grandes artistas da música brasileira, além de uma experiência culinária que envolve



Reprodução - PMP

Evento acontece até este domingo (17)

degustação, competição e aprendizado. Nesta sexta (17), será oferecido um almoço assinado pelo chef João Diamante, além de apresentações de pratos dos chefs Paula Prandini, às 14h, e Bruno Katz, às 17h, na Cozinha Show. Durante a noite, o público poderá aproveitar os shows da cantora Gabi Martins, às 21h, e do pagodeiro Belo, às 0h, no palco principal.

No sábado (18), o almoço e jantar serão comandados pela chef Paula Prandini. O Chef João Diamante oferecerá oficinas gastronômicas ao público e o Concurso Gastronômico será realizado às 19h. Com o fim da programação culinária, o palco do Piraí Fest receberá nomes de peso do pagode e do piseiro no palco principal: Diogo Nogueira, às 21h, e Zé Vaqueiro, às 0h.

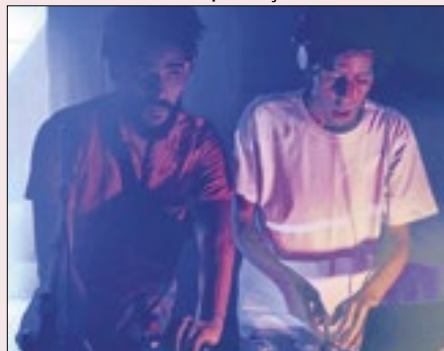
Encerrando a programação, no domingo (19), o chef Bruno Katz fará os preparos do almoço. A Cozinha Show será realizada com Elia Schramm, às 14h. Para fechar a line-up musical, o evento trará o pagodeiro Xande de Pilares, às 18h, e os sertanejos César Menotti & Fabiano, às 22h, no palco principal.

O festival ainda terá dois palcos paralelos até domingo: o Palco Cultural, na Prefeitura, e o Palco Prata da Casa, na Rua do Taxi. Enquanto o Palco Cultural recebe iniciativas artísticas variadas, envolvendo expressões como dança, teatro e orquestra, o Palco Prata da Casa também oferece shows musicais, com participação majoritária de artistas regionais. A programação completa está disponível no perfil do Instagram @pirafest_oficial.

ROTEIRO CULTURAL

POR LANNA SILVEIRA

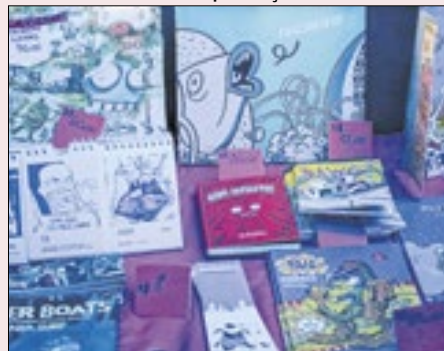
Reprodução - Redes Sociais



Ritmo e groove

A Central Antenadu, em Volta Redonda, recebe mais uma edição da Festa Fundamento nesta sexta-feira (17) – evento que promove uma noite de discotecagem que explora ritmos como boombap, funky soul, reggae, afrobeat e dancehall. A noite, que começa às 19h, será comandada pelos DJs Josafá, Monzo e Aliza. Os ingressos serão vendidos a R\$ 10 reais na porta do evento, sem progressão de lote. Dançarinos de streetdance não pagam.

Reprodução - Redes Sociais



Música e imagem

A programação do Nova Música Convida segue neste sábado (18), no Sesc Barra Mansa. O evento gratuito, começa às 14h e contará com shows de artistas da MPB de diferentes regiões do país: Mari Jasca convida Juliana Linhares; Guinu convida Tássia Reis; e Rafa Pinta e a Nuvem convidam Silvia Machete. Durante o dia, também serão realizados a feira de artes visuais Lingote e discotecagem do Coletivo Swave durante as trocas de palco.

Sant'Ana Fotografias



Submundo metal

O Festival Sangue Podre realizará uma edição especial de Halloween neste sábado (18), a partir das 17h, em Volta Redonda, no Rockstar Point. A line-up contará com as bandas Moth, Hexensabbat, e Rankatoko, que exploram gêneros como thrash metal, doom metal e crossover, além de discotecagem do DJ Dirty Death nos intervalos. A festa ainda terá um concurso de fantasias. Os ingressos estão a venda pela UTicket.

Arthur Griman



Fervor musical

A festa Swave receberá a edição "Batidinha Chic Vol. 4" neste sábado (18), a partir das 23h, no Auê Clube, em Volta Redonda. A festa promoverá uma celebração musical que explora gêneros como hip hop, r&b, house, pop, eletrônica e afins. A line contará com os DJs Harajuice, Mau Senna, Carol Oliveira, Saruman e Laís Conti, além de shows das artistas Felizonna, Vi100tina e Demona. Os ingressos estão a venda pelo Symply.

#cm
2
FIM DE SEMANA

Documentário sobre Clécio Penedo é lançado online

PÁGINA 7



'Piraí Fest' agita fim de semana no Sul Fluminense

PÁGINA 16



Confira as atrações da região neste fim de semana

PÁGINA 16



Clássicos do Brasil em ritmo de rock e reggae



Diego Padilha/Divulgação

Evento reúne Capital Inicial, Ira!, Humberto Gessinger, Plebe Rude e grandes nomes do reggae nacional na Marina da Glória

Por **AFFONSO NUNES**

O Festival Clássicos do Brasil chega ao seu segundo e último final de semana, neste sábado e domingo (18 e 19), na Marina da Glória, após estreia com casa lotada no último fim de semana (11 e 12). A reta final coincide com o Dia da Música Popular Brasileira, celebrado em 17 de outubro, reforçando o propósito do evento de valorizar a identidade brasileira através da música. O rock e o reggae brasileiros marcam presença nas duas noites com shows de Capital Inicial, Ira!, Humberto Gessinger, Plebe Rude, Armandinho, Maneva, Edson Gomes e Ponto de Equilíbrio. **Continua na página seguinte**

O Festival Clássicos do Brasil fecha programação de sua edição 2025 neste fim de semana